

**A educação proibida:
A narrativa que destrói o passado da
escola para construir um “paradigma educacional inovador”**

Katya Zuquim Braghini¹



Resenha

A EDUCAÇÃO proibida. Direção de German Doin e Verónica Guzzo. Asociación Civil Redes de Pares/ Reevo, 2012. (146 min.)

¹ Professora e pesquisadora da PUC-SP. Doutora e Mestre em Educação. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade de São Paulo.

e-mail: katya.braghini@yahoo.com.br

A Educação Proibida é um documentário argentino e independente, lançado em agosto de 2012. O documentário, de livre acesso pela internet, é dividido em 10 episódios temáticos que abordam vários aspectos das práticas educativas no contexto escolar e fora dela, apresentando experiências educativas concebidas como “inovadoras” e fazendo oposição aos à educação “tradicional”. Foi dirigida por German Doin e Verónica Guzzo, contando com Gastón Pauls em seu elenco, o qual atuou também no filme “Nove Rainhas”.²

O filme tem sido apontado como um fenômeno de mídia e o seu conteúdo didático tem grande aceitação nas redes colaborativas de educação, principalmente voltadas à formação de professores. O projeto foi financiado por 704 coprodutores agremiados pela internet e organizados pela *Reevo*, comunidade global de compartilhamento de experiências educativas como alternativas que visam à transformação da educação na Iberoamérica.³ O trabalho foi financiado pelo modelo de *crowdfunding* e distribuído sob uma licença *Creative Commons*. À época de seu lançamento, foi destacado por seu modelo de projeção, pois esteve simultaneamente em 151 cinemas, de 119 cidades em 13 países. Um ano após a sua estreia, marcou o número de 10 milhões de downloads.

Visualmente o material é bem tratado. O documentário registra depoimentos de estudiosos da educação e de alunos. Os estudiosos analisam o que seria uma educação inovadora, dinâmica que colocasse em xeque toda uma gama de trabalho, tido por eles como “tradicional”; os alunos apresentam suas expectativas a respeito do tipo de educação que desejam. De maneira ágil, recolhe experiência de professores que ousaram inventar práticas diferenciadas com objetivos voltados ao interesse do aluno. O documentário mantém diálogo com a realidade educacional latino-americana e reforça a dramaticidade no momento, durante um debate travado com uma situação problema, ficcional. O documento testemunhal é costurado, portanto, com a história de jovens estudantes em um colégio fictício, posicionado como uma escola típica, todos, insatisfeitos com a educação competitiva. Diante disso, juntos, proclamam em uma redação: A educação está proibida!

Em outras palavras, o documentário apresenta a concepção de que a escola em funcionamento seria uma hipocrisia, pois usa valores como solidariedade, cooperação e direitos humanos para funcionar, mas, na verdade, estimulam o individualismo, a concorrência, o consumo e a competição. A solução para a quebra

² Em números o filme possui 14.453.713 de reproduções pela rede; 1,373,222 compartilhamentos; 1,534,088 downloads; 521.285 fãs no Facebook; 10,5 mil seguidores no Twitter; mais de 1.000 projeções pelo mundo. Ele sintetiza mais de 90 entrevistas com professores, educadores e acadêmicos em 8 países Ibero-americanos, com a apreciação de 45 experiências educativas. Dados recolhidos em setembro de 2018.

³ Site do filme: <http://www.educacionprohibida.com/> Site da Reevo: <http://reevo.org/>

dessa suposta tradição é declarar a “desescolarização a escola” como melhor tipo de educação.

Seu roteiro, que versa pela denúncia da escola meritocrática não é sisudo. Ao contrário, a estrutura do enredo e do roteiro faz do filme uma produção alegre e jovial, como que estabelecendo um diálogo com o espectador, explicando que o dinamismo da escola e sua modificação têm que ser apresentados em seu conteúdo, mas também na forma. Por isso, há sequências inteiras bastante didáticas, feitas com diferentes tipos de animação, desenhos, grafismos coloridos, stop-motion, animação com recortes de papel etc., o que gera leveza visual e didática prezada em um documentário tido como “pedagógico”.

Os apresentadores, sendo educadores, reivindicam por causas justas: buscam melhores condições de trabalho; criticam currículos organizados por critérios de avaliações de rendimento em massa; denunciam o excesso de trabalho de professores obrigados a uma rotina exaustiva; acusam a moda da hiperatividade de crianças tratadas com psicofármacos etc.. Entretanto, estes itens são elementos pontuais que aparecem como argumentos para uma ideia maior: a alteração nas formas atuais de se conceber a Educação.

O filme anuncia um debate sobre um “novo paradigma educativo”, também chamado de “educação integral holística” e defende a ideia de que o processo educacional – não apenas escolarizado – deve ser mais emocional, sensível, mais apegado à experiência direta dos alunos. Como bandeira de luta, o filme registra o ensino, mas também um trabalho coletivo, livre, que busca a transformação social a partir da Educação. Por isso, o ensino é representado por práticas ligadas à Educação Popular, Waldorf, Montessori, Cossettini, Educação Libertária, *Homeschooling* e outras referências, sempre chamadas de “pedagogia progressiva”. Sob projeção, pergunta-se: o que é uma educação de qualidade no século XXI? Assiste-se ao filme querendo saber quais seriam os novos critérios da boa educação e o que deve ser abandonado como “prática tradicional”.

O novo paradigma educacional é apresentado como “inteligência holística” ou “cósmica”; trata-se da forma de educação em que todos aprendem com tudo, em que é necessário educar o indivíduo em todas as suas potencialidades, não apenas as cognitivas, intelectuais, mas também os aspectos emocionais, éticos, a consciência corporal, a saúde. A escola seria um banco de experimentações, local que organiza espaços para a fruição de emoções e sentimentos criativos. Por isso estimula-se a preparação dos ambientes escolares a partir da seleção de instrumentos e materiais didáticos que sejam concretos e significativos para o aluno.

O currículo é uma construção intergeracional feita por meio de assembleias que resultam em “contratos didáticos”. Estimula-se um determinado tipo de disciplina, pensada como autogerenciamento das práticas pelos alunos e o processo de metacognição, para que toda a comunidade escolar saiba ponderar sobre suas

próprias escolhas: “pensar sobre o que se está pensando”.

A nova escola projetada só é possível com a modificação de tempos e espaços escolares. Por um lado, as aulas por disciplinas são suprimidas. O que passa a valer são os projetos interdisciplinares. A sala de aula é o mundo: todo o espaço da escola está fora dela (aprende-se em meio à Natureza, na rua, na comunidade etc.), superando desta forma, a ideia de que o espaço escolarizado seja um microcosmo da sociedade “lá fora”, visto que não mais se compreende o “lá fora”. Os usos dos espaços são múltiplos; estimula-se a construção de novos ambientes, salas interativas, salas de convívio, sala multimídias, laboratórios etc.

Na nova escola, professores devem abrir mão de sua onipotência. Ele é o agente responsável para a organização de um “caos criativo”, levando em conta que os alunos possuem a liberdade e o direcionamento do que querem ou não estudar, a partir de uma elaboração curricular feita de modo compartilhado. O professor não é divulgador de conteúdos pré-estabelecidos, mas sim um planejador de situações em que o aluno é o protagonista. Este protagonismo seria o seu próprio direcionamento na ação pedagógica, acontecida na inter-relação colaborativa entre os pares, que não necessariamente são da mesma idade. De acordo com o filme, a criatividade é inata, como a vontade de aprender.

No entanto, a ideia de novo paradigma educacional proposto pelo filme gera dúvidas e contradições. A ideia de autogerenciamento dos alunos e de estímulo ao empreendedorismo pode parecer excelente à primeira vista, mas pode significar também a abstenção do sujeito adulto, mais experiente, mais velho, da responsabilidade da educação da nova geração e essa condição já estava presente na crítica de Hanna Arendt, ao escrever sobre a modernidade pedagógica estadunidense durante os anos 1950. Segundo a autora, nas aulas, há questões políticas estruturadoras da relação entre o professor e aluno. Nada garante que os alunos se desprendam da ideia que os transformou em centros pedagógicos e não mais se reconheçam como centro do mundo. Desta forma, o discurso pedagógico “inovador” pode ser compreendido como máquina de formação de sujeitos egocêntricos. Por certo que o docente não é dono da verdade, mas, no filme, o professor se transformou em um controlador de espaços, de onde surge uma pergunta: qual é o crime em transferir saberes escolares legitimamente reconhecidos pela voz de um professor?

Diz-se que escola holística não estimula o consumo, apesar de o seu discurso exigir a criação de novos espaços repletos de materiais os quais, por vezes, geram a execução curricular de monopólios e cartéis mercantilizados. É este o cenário, considerando a estimativa da circulação de conhecimentos feita em plataformas virtuais, *tablets*, celulares, além conteúdos produzidos por grupos multimídias que se fundem em conglomerados didáticos em conjunto com a imprensa. Currículos explícitos são desenvolvidos pela necessidade de tais

aparelhos.

A boa escola apresentada no filme se diz retirada do jogo que concede à certificação um prestígio social. No entanto, apaga o fato de que, socialmente, as pessoas querem ser certificadas pela escola ao término de seus cursos. Pede-se por interdisciplinaridade, mas ignora a relutância dos professores em apagar as fronteiras disciplinares de seus conhecimentos. Ficar parado, em silêncio, é um tipo de educação do corpo que foi sonogado da escola, sinônimo de escola ruim. Mitiga-se que o silêncio também é educação do corpo. Opõem-se aos fármacos, mas qual é a responsabilidade da escola, com seu excesso de atividades e estimulação constante?

Em outras palavras, o filme apresenta um equívoco sob a perspectiva da historicização da Educação. Aliás, é precisamente no ataque à história da educação em que reside o seu ponto mais fraco.

Segundo o documentário, a escola opressora e homogeneizante teria sido inventada na Prússia e, a partir de lá, espalhando-se pelo mundo. O maior problema da educação atual seria o seu apego à forma escolar inventada no século XIX e que não mais convém ao século XXI. O conceito de escola pública, gratuita e obrigatória é repreendido a reboque porque é associado ao “despotismo esclarecido” e, por isso, havia a necessidade de ser “pública, gratuita, obrigatória”, de modo a oferecer a semente da obediência aos povos. O filme associa a escola do século XIX diretamente ao Positivismo, sem maiores esclarecimentos. Afirma que ela pregava a produtividade, por conta de interesses de industriais que almejam um trabalhador obediente. Por conseguinte, a instituição é comparada aos estacionamentos, aos cárceres, às fábricas, de modo a dizer que todos esses ambientes são formas análogas de controle social. As imagens reforçam uma visão estereotipada do passado da escola para categorizá-la em um modelo único, medonho, modelador sujeitos tolos, desmotivados e inertes. Os equívocos compreendidos, considerados ou não, sobre a história da educação são grosseiros.

Como dizer que a escolarização da modernidade, construída em 200 anos, tem uma única característica, saída de um único berço e distribuída pelo mundo como uma terrível forma de organização social? Em 200 anos, não aconteceu nada de poético e lúdico na história da escola? É mesmo necessário repetir que a escola não é a fábrica, não é cadeia, e que, portanto, essas analogias imediatas são intelectualmente improdutivas? O que significa propor que a educação “comece tudo de novo”? Os professores flagrados na película são apresentados como representantes de boas práticas e trabalham em escolas cujos patronos representam uma longa trajetória educacional iniciada no final do século XIX: William Kilpatrick, John Dewey, Rudolf Steiner, Maria Montessori, Jean Piaget etc.. Portanto, se o paradigma educacional apresentado pelo filme é novo, talvez devêssemos discutir o significado de “inovação”, em cada tempo histórico, já que

estamos falando de modelos apresentados como “novos”, mas que existem desde o início do século XX.

Positivamente, não é atacando o passado, e de modo desmantelado, que vamos conseguir fazer da Educação uma prática melhor. O documentário “A educação proibida” nos faz lembrar a necessidade de saber criticar lemas e *slogans* salvadores, principalmente aqueles que são lançados sobre a educação.

Ler com cuidado o lema do “aprender a aprender” ou, ao menos, qualquer tipo de discurso colado a ele é muito importante. O filme tem bom visual para convencer, mas basta estudá-lo para perceber que, se há problemas com a educação atual, não é culpando o passado que vamos melhorá-la. O filme usa a história da escola como estratégia de convencimento para propor as novidades pedagógicas, que não necessariamente são novas. Idealiza e generaliza um tipo de escola, do passado, criando uma mitologia, de escola ultrapassada, única e enfadonha, o que não é a verdade. Como todo fenômeno humano, a escola e sua história têm diferentes enfoques que apontam para um passado multifacetado entre conquistas, fracassos, bons resultados, mas também exclusão social. A narrativa do filme não é justa ao usar o passado da escola como algo terrível para justificar as boas ações propostas no presente. E vale dizer que o dito “ensino holístico”, por si só, não nos convence totalmente em suas melhores intenções.

Uma análise crítica do filme nos dirá que uma educação de qualidade necessita de conhecimentos de história da educação, ao contrário de promulgar que as novidades pedagógicas serão sempre o único ponto de esperança de uma boa educação que ainda não temos e nunca tivemos.

Submetido em 31 de agosto de 2016 / Aceito em 23 de abril de 2018